DOSSIÊ
especial
Expresso

Este suplemento faz parte integrante da edição n.º 2753 de 01/08/2025 do Expresso e não pode ser vendido separadamente.

Lisboa JARDIM ZOOLÓGICO Portugal

ZOO

Conservar, educar e investigar

AGOSTO 2025

DESTAQUE
O futuro dos koalas está a crescer em Lisboa

PORTAS ABERTAS
Do Brasil para o mundo

ENTREVISTA COM
Dr. Carlos Agrela Pinheiro, administrador do Jardim Zoológico

O FUTURO DOS KOALAS

está a crescer em Lisboa

Fotografia **Rui Bernardino**

sumário

4. BREVES
Notícias e novidades do Zoo

6. PEGADAS
O misterioso embaixador da floresta do Congo

10. DESTAQUE
O futuro dos koalas está a crescer em Lisboa

16. ENTREVISTA COM...
Dr. Carlos Agrela Pinheiro, administrador do Jardim Zoológico

20. PORTAS ABERTAS
Do Brasil para o mundo

23. RAIO-X
Mais do que um gesto

24. INSPIRAR A AGIR
De pijama no Zoo

26. ZOO EM MOVIMENTO
A vida selvagem renasce

30. NATUREZA SEM FRONTEIRAS
Missão do Zoo no mundo

34. DESAFIOS ZOO
Jogos e atividades

Francisco Naharro Pires
Presidente

"Os zoos assumem cada vez mais um papel activo na transformação de mentalidades e na preservação do planeta."

PRESERVAR É UMA RESPONSABILIDADE DE TODOS

Com mais de 141 anos de história, o Jardim Zoológico continua a trilhar um caminho feito de conhecimento e compromisso. Ao longo das últimas décadas, tem acompanhado a evolução dos tempos, sem nunca perder de vista a sua missão principal: proteger a biodiversidade, através da educação ambiental, da investigação científica e da acção direta no terreno.

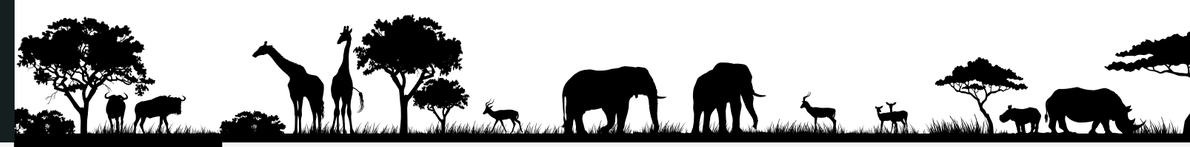
Nesta edição, olhamos para espécies que espelham bem esse propósito. O Mico-leão-dourado, ícone da conservação no Brasil, mostra-nos como a cooperação internacional pode reverter trajectórias críticas. Também o koala, sensível e exigente, enfrenta ameaças crescentes devido às alterações climáticas e à destruição do seu *habitat* na Austrália. Hoje, mais do que nunca, o futuro da espécie também se constrói aqui. Já o okapi, parente enigmático da girafa e discreto por natureza, ocupa um lugar de destaque no Zoo, que apoia o Okapi Conservation Project, dedicado à protecção da espécie e da floresta tropical do Congo.

Damos voz ao administrador do Jardim Zoológico, dr. Carlos Agrela Pinheiro, que partilha a sua visão estratégica num momento em que os zoos assumem cada vez mais um papel activo na transformação de mentalidades e na preservação do planeta.

Muitos recordam a primeira visita ao Zoo como um momento marcante da infância – um encontro com a vida selvagem que desperta curiosidade, empatia e fascínio. É essa ligação emocional que queremos manter. Como mencionamos na nossa campanha, não é só um amor à primeira visita – é um amor para sempre. Essa paixão, transmitida de pais para filhos, é muitas vezes o primeiro passo para um compromisso mais profundo com a conservação da natureza.

E porque educar é conservar – e também mudar comportamentos –, programas como o apadrinhamento de animais são formas concretas de envolver a comunidade neste esforço colectivo. São pequenos gestos que reflectem uma grande ideia: preservar é uma responsabilidade de todos!

A todos - funcionários, visitantes, voluntários, parceiros e amigos - um muito obrigado.



FICHA TÉCNICA

AGOSTO 2025

ESPECIAL ZOO – Impresa Publishing – Dossiês Especiais
Edifício Impresa, 242, 2.º, Laveiras, 2770-022 Paço de Arcos Telefone: 214 544 000
Publicidade/Vendas Carlos Lopes (Diretor) (calopes@impresa.pt), Miguel Teixeira Diniz (Comercial) Telefone 917213755 | (mdiniz@impresa.pt)
EDITOR: Jardim Zoológico LOGÍSTICA, PRÉ-PRESS, MULTIMÉDIA E TRATAMENTO DE IMAGEM: Produção Publishing Ana Sengo da Costa (Diretora) ascosta@impresa.pt REDAÇÃO: Clara Silva DESIGN GRÁFICO: Sofia Duarte FOTOGRAFIA: Jardim Zoológico, Carlos Nunes.

Os conteúdos publicados no presente dossiê são da responsabilidade exclusiva do Departamento Comercial da Impresa Publishing, sendo editorialmente autónomos dos cadernos principais do jornal Expresso

TODA A EDIÇÃO FOI FEITA AO ABRIGO DO NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO, COM EXCEÇÃO DO EDITORIAL.

DEPOIS DA TEMPESTADE...
... aproveitam-se os troncos. Em março deste ano, a depressão Martinho derrubou milhares de árvores na zona da Grande Lisboa. No centro da cidade, estima-se que foram mais de 1700. Já na serra de Sintra, foram perto de 100 mil, incluindo árvores centenárias. Em colaboração com as autoridades locais, o Jardim Zoológico decidiu dar uma nova vida aos troncos caídos. Em vez de serem descartados, alguns foram reaproveitados e integrados nas instalações dos animais do Zoo, sobretudo como estruturas de enriquecimento ambiental.

Fotografia: Alex Stemmer/Shutterstock.com

SABIA QUE...
... no último ano, o Jardim Zoológico recebeu várias espécies de anfíbios, como a colorida Rã-venenosa-azul? Entre as novas espécies está também a Rã-leitosa-da-amazónia, que se reproduz nas cavidades das árvores preenchidas com água e que raramente desce ao solo.

OVOS DE OURO DOS FLAMINGOS

O inverno trouxe mudanças para os flamingos do Zoo, com a otimização de vários processos para melhorar o sucesso reprodutivo do grupo. Durante vários meses, foram testadas diferentes misturas de argila, que ajudaram a criar ninhos com condições ideais, sempre com o acompanhamento próximo dos tratadores. Outro exemplo foi a modificação do método de alimentação, para estimular o comportamento natural de filtragem dos flamingos. Todos estes cuidados deram frutos – ou melhor, ovos. Na primavera, os flamingos construíram 12 ninhos e incubaram cerca de 10 ovos.

DRAGO

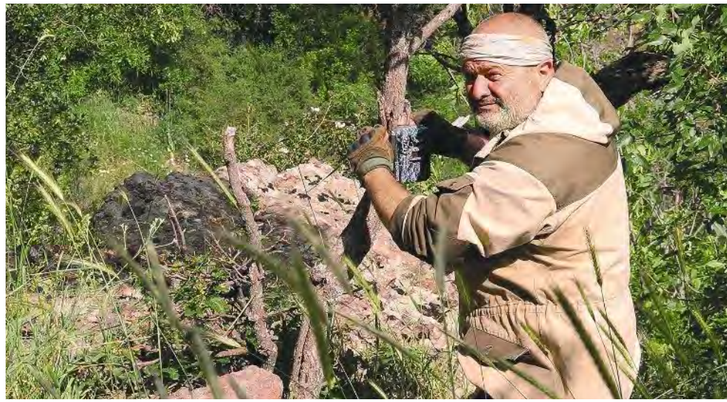
Um Lince-ibérico com história

Em fevereiro deste ano, o Jardim Zoológico recebeu "Drago", um Lince-ibérico com 18 anos e uma história marcante. Nascido em 2007 no Centro de Reprodução de El Acebuche, em Espanha, "Drago" é filho de "Aura", uma fêmea fundadora do programa de conservação do Lince-ibérico. Também "Drago" foi um dos primeiros machos reprodutores do Centro Nacional de Reprodução do Lince-ibérico, em Silves, no Algarve, contribuindo com mais de 30 crias para o programa *ex situ*, 21 das quais foram reintroduzidas com sucesso na natureza. No Zoo, e ao lado de "Fábula" – uma fêmea que chegou do centro de Cáceres –, "Drago" assume agora o papel de embaixador da espécie, ajudando a sensibilizar os visitantes para a importância da sua conservação. Em 2024, graças ao sucesso do programa de reintrodução do lince em Portugal e Espanha, a espécie deixou de estar "Em Perigo" e passou a ser classificada como "Vulnerável", segundo a União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN).

CÂMARA, AÇÃO!

Novo projeto no Cáucaso

O Jardim Zoológico coordena o Programa *Ex situ* do Leopardo-da-pérsia (EEP) da Associação Europeia de Zoos e Aquários (EAZA), cujo principal objetivo é a manutenção de uma população viável sob cuidados humanos. Em 2016, concretizou-se a primeira reintrodução no Cáucaso, com a libertação de uma fêmea descendente do casal de Lisboa.
Este ano, o Zoo reforça o seu compromisso com a conservação da espécie, ao financiar o projeto liderado pela World Wildlife Fund (WWF) no Cáucaso Menor, que visa estabelecer uma população viável e autossustentável na região. O financiamento prevê a aquisição de 125 armadilhas fotográficas para substituir equipamentos antigos e ampliar as áreas de monitorização de leopardos no Azerbaijão, na Arménia e na Geórgia.
O programa, com uma abordagem transfronteiriça, inclui também ações de sensibilização junto das comunidades locais.



Fotografias: WWF-Armenia

LEVAR A MAGIA PARA CASA

A Loja do Zoo, situada na zona de acesso livre do parque, foi alvo de uma remodelação em 2024 e tem agora uma seleção alargada de produtos, incluindo muitas novidades. O espaço, maior e mais acolhedor, passou a contar com artigos de marca própria, com ilustrações em t-shirts, bonés, canetas, porta-chaves, ímanes e sacos, além de meias e cadernos reutilizáveis, resultado de novas parcerias. Na loja é possível levar um pouco da magia do Zoo para casa e ainda apoiar os projetos de conservação.

SABIA QUE O LEOPARDO-DA-PÉRSIA...
... é o maior dos leopardos? Os machos podem pesar até 90 kg, significativamente mais do que os Leopardos-africanos, com 60 kg.

... é originário do Cáucaso, Médio Oriente e Ásia Central, e ocupa uma grande variedade de *habitats*, entre zonas montanhosas até 3000 metros de altitude, planícies desérticas e flo estas temperadas.

Okapi

O MISTERIOSO EMBAIXADOR DA FLORESTA DO CONGO

John Lukas, o fundador do Okapi Conservation Project, apoiado pelo Jardim Zoológico, acredita que precisava de mais uma vida para estudar o enigmático okapi, o único parente vivo da girafa, que desempenha um papel fundamental na flo esta tropical.

Corpo castanho, pescoço comprido, orelhas grandes, uma língua com cerca de 35 centímetros e membros listrados, semelhantes aos de uma zebra. O Okapi (*Okapia johnstoni*) parece um animal inventado, retirado de um livro para crianças, daqueles em que se combinam, ao acaso, características de várias espécies.

Na verdade, é um dos animais mais fascinantes do planeta, natural da flo esta tropical do Congo, e só descoberto oficialmente no século passado, apesar de ser mais antigo do que a girafa – e o seu único parente vivo. "Foi o último grande mamífero a ser descoberto em África, em 1901", afirma John Lukas, o fundador do Okapi Conservation Project (OCP), o projeto de conservação da espécie, fundado em 1987 na República Democrática do Congo (antes Zaire) e que o Jardim Zoológico apoia desde 2005.

Os okapis são tímidos e discretos e, também por isso, foram um mistério durante tanto tempo. "Têm a audição e o olfato tão apurados que ninguém consegue chegar perto deles", explica o cientista norte-americano, formado em Zoologia. "Estão sempre com bom aspeto, brilhantes e saudáveis. E estão sempre em andamento para escolher folhas específicas. Todos têm as suas preferidas, mas há seis ou sete espécies que eles gostam mesmo muito e acho que é isso que estão a tentar encontrar."

Curiosamente, os okapis consomem pequenas quantidades de cada planta que encontram, uma maneira de evitar intoxicações provocadas por substâncias tóxicas, comuns na vegetação da flo esta tropical. John Lukas acredita até que façam uma espécie de "jardinagem" seletiva nas árvores, para estimular o crescimento de novas folhas ao longo do tempo.

É por isso que o fundador do Okapi Conservation Project desejava ter "mais uma vida" para conseguir estudar uma espécie tão reservada e com tantas particularidades, muitas delas desconhecidas da maioria das pessoas.

COMUNICAÇÃO POR INFRASSONS

Logo à nascença, por exemplo, as crias, "vulneráveis aos ataques dos leopardos na flo resta", separam-se da mãe e escondem-se num ninho durante dois meses ou mais, explica. "A mãe usa infrassons – sons abaixo da nossa audição e da audição dos leopardos – para chamar a cria. Esta vem, mama, e volta para o ninho. A mãe nunca leva o seu cheiro até à cria, nem se aproxima." Além disso, e ao contrário da maioria das espécies, as crias de okapi "não defecam durante um mês", continua, para que não haja qualquer cheiro que atraia predadores.

Fotografia: **Okapi Conservation Project**

Com nove ou dez meses, um okapi já tem quase o tamanho de um adulto, o que é raro num animal de grande porte. "Noutras espécies, são precisos até cinco anos para atingir o tamanho adulto", salienta. "No caso do okapi, isso acontece tão rapidamente que a cria deixa de ser uma presa fácil. Aliás, o okapi é um animal resistente – não é nada frágil. Tem cascos muito afiados, é muito forte, e uma fêmea adulta de cerca de 360 quilos é bastante imponente."

INSTABILIDADE NO CONGO

Apesar da robustez e resistência, o okapi está atualmente "Em Perigo", de acordo com a classificação da União Internacional para a Conservação da Natureza. Na República Democrática do Congo, o único sítio do mundo onde a espécie se encontra na natureza, é impossível calcular o número exato da população.

"Estimamos que haja cerca de 10 mil okapis fora da reserva, mas é uma estimativa muito incerta", continua o fundador do Okapi Conservation Project. "Nunca foram realizados levantamentos abrangentes. A área de distribuição é muito grande e muitas dessas zonas são perigosas, totalmente controladas por milícias."

Ainda assim, não quer dizer que não existam. "Sabemos que alguns desses grupos são respeitadores da fauna. Têm outras formas de obter rendimentos e, por isso, não precisam de recorrer à caça furtiva."

Dentro da reserva onde o projeto atua, em Epulu, são agora cerca de três mil animais, uma população "estável". No seu auge, a reserva chegou a ter cerca de 4500. "Mas, se mantivermos a proteção, a capacidade de suporte da área permitirá que eles regressem", acredita o cientista.

A instabilidade política da região continua a ser um dos maiores desafios do projeto, que sofreu um ataque devastador de rebeldes armados em 2012, resultando na morte de seis pessoas da equipa e de 14 okapis. Desde então, a segurança tem sido reforçada com o apoio de mais de 300 guardas armados, que patrulham a reserva, muito cobiçada para a mineração ilegal de ouro. Outra das áreas de intervenção essenciais do OCP é a educação para práticas de agricultura sustentáveis, que ensinam à população técnicas que aumentam a produtividade e mantêm a fertilidade do solo por quase 10 anos, contrariando a prática tradicional de corte e queima, outra das causas de destruição do *habitat* natural. Para melhorar a qualidade de vida dos povos indígenas que vivem na reserva, o OCP presta ainda cuidados de saúde e apoio à educação. Muitas das ações envolvem crianças e incluem a plantação de perto de 100 mil árvores por ano, reforçando a importância da flo esta.

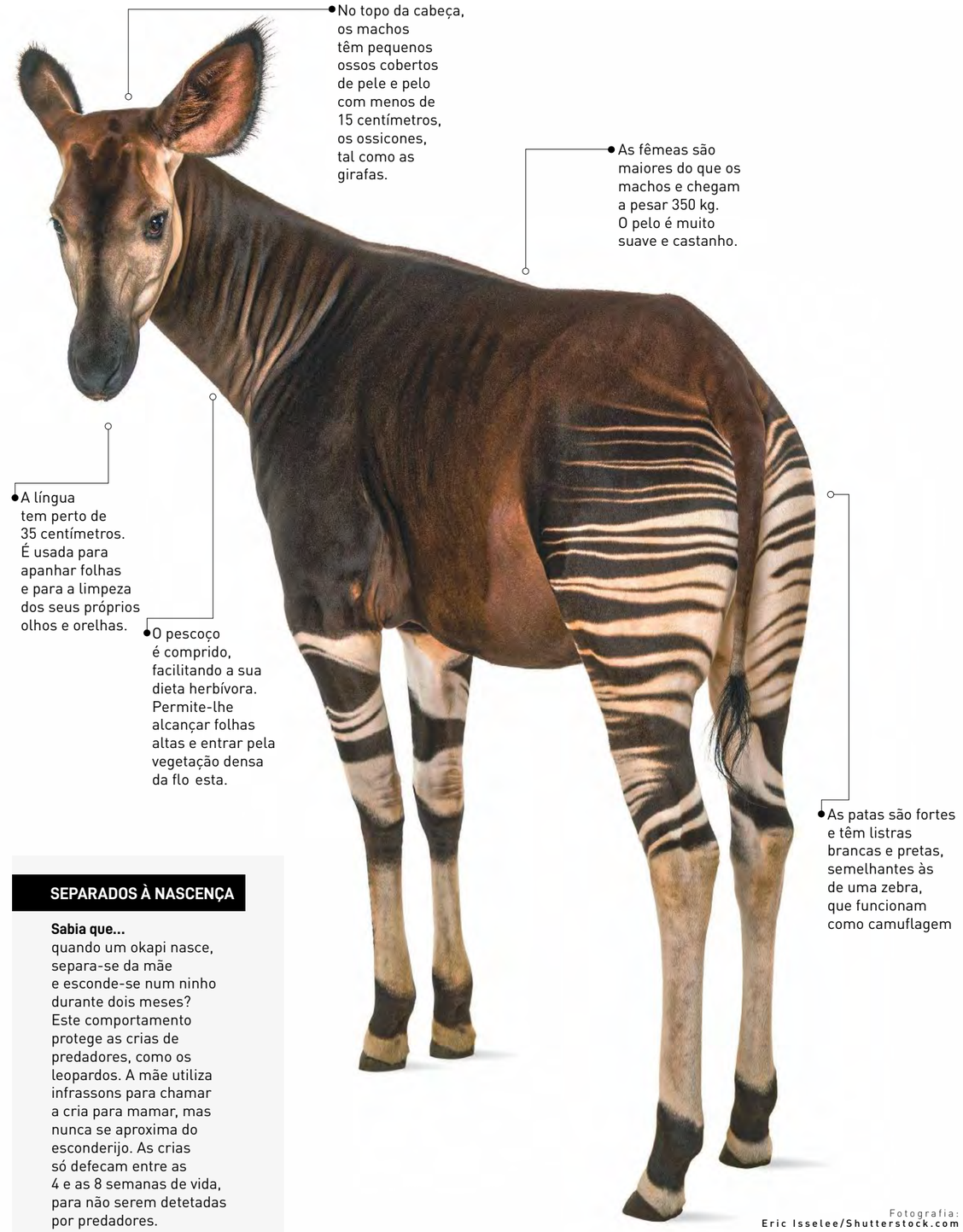
Fotografia: Okapi Conservation Project

UM VERDADEIRO EMBAIXADOR

O Jardim Zoológico é um dos parceiros internacionais do Okapi Conservation Project, contribuindo financeiramente para o trabalho no terreno, mas também para o importante papel de educação e sensibilização do público. "O okapi é um verdadeiro embaixador da flo esta tropical. Pouca gente o conhece e poucos conhecem o lugar extraordinário onde vive, um dos maiores produtores de oxigénio do planeta."

O Congo e a Amazónia são, como lembra o cientista, os dois pulmões do planeta. Mas, enquanto a flo esta amazónica está sob enorme pressão, a bacia do Congo – onde vive o okapi – mantém-se, por agora, mais resiliente. "Se não começarmos a cuidar do Congo e da Amazónia, o planeta vai enfrentar sérios problemas."

O Jardim Zoológico recebeu o seu primeiro okapi em 1955. "Gangala" tornou o Zoo no 10.º do mundo a acolher a espécie, apenas 50 anos após a sua descoberta. Em 2005, voltou a receber okapis, após a construção de uma instalação especializada, tendo reproduzido com sucesso pela primeira vez em 2010. Hoje, existem cerca de 200 okapis em 65 zoos integrados no programa mundial de conservação da espécie.



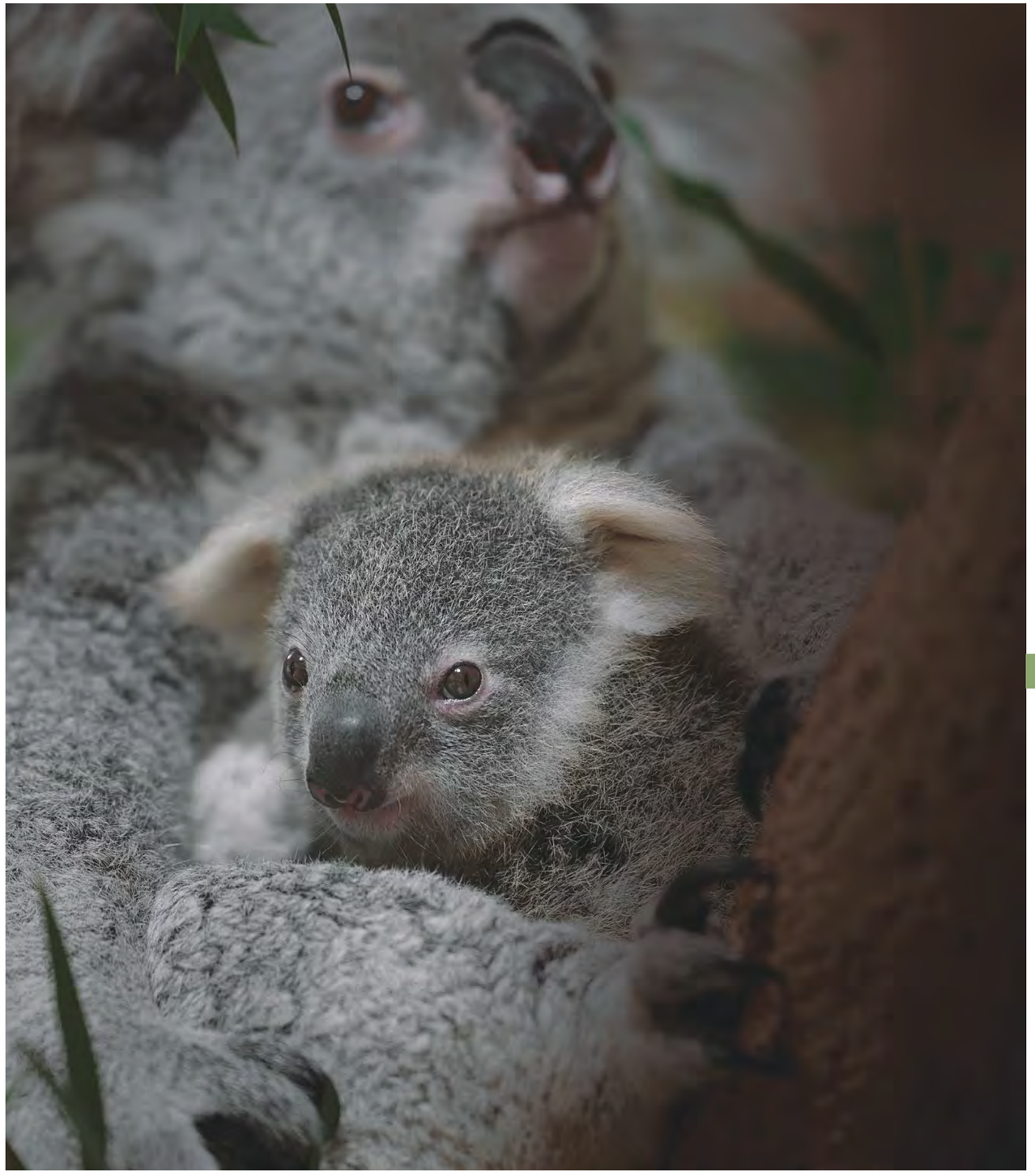
Fotografia: Eric Isselee/Shutterstock.com

SEPARADOS À NASCENÇA

Sabia que...
quando um okapi nasce, separa-se da mãe e esconde-se num ninho durante dois meses? Este comportamento protege as crias de predadores, como os leopardos. A mãe utiliza infrassons para chamar a cria para mamar, mas nunca se aproxima do esconderijo. As crias só defecam entre as 4 e as 8 semanas de vida, para não serem detetadas por predadores.

O FUTURO DOS KOALAS
está a crescer em Lisboa

"Kilupi", a nova cria de Koala (*Phascolarctos cinereus*), traz esperança para a conservação de uma espécie cada vez mais vulnerável e ameaçada pelas alterações climáticas. Na Europa, o Jardim Zoológico foi pioneiro no programa de conservação *ex situ*.



"É a cara do pai, não é?" Maria da Paz, tratadora responsável pelos marsupiais do Jardim Zoológico, vê parecenças entre "Kilupi", o pequeno macho nascido em agosto do ano passado em Lisboa, e o seu pai, "Gowi", que chegou do Zoo de Beauval, em França, em 2023, ao abrigo do programa europeu de conservação de espécies ameaçadas (EAZA EEP). O transporte de avião para Lisboa, numa caixa num lugar de passageiro, foi notícia em vários meios de comunicação: "Koala apanha voo da TAP em direção a Lisboa – e não teve de pagar bilhete", lê-se num deles.

Maria da Paz, que acompanhou "Gowi" durante a viagem, conta que o transporte na cabina é normal. "Os outros animais costumam ser transportados no porão, mas com os koalas é diferente, há um procedimento especial", explica. A espécie, sensível a oscilações de temperatura e ao stresse, costuma viajar ao lado de um tratador, num ambiente mais controlado e silencioso. "Ele aproveitou um bocado da viagem para dormir, o que é bom sinal", relatava, na altura, a tratadora, num vídeo partilhado pela companhia aérea.

Quando chegou ao Jardim Zoológico, "Gowi", escolhido a dedo pelo coordenador europeu da espécie para acasalar com "Goolara" – uma fêmea de 10 anos vinda, em 2016, de Duisburg, na Alemanha –, adaptou-se bem. De tal maneira que, no ano passado, foi possível juntar os dois koalas na mesma instalação "no momento certo" – quando a fêmea estava em cio e o macho mostrava sinais de interesse – e o encontro resultou. "Deram-se bem desde o início", garante Maria da Paz.

"Kilupi", que significa "Deus do eucalipto", foi o nome escolhido para a cria por votação *online*, aberta ao público durante um mês. Nasceu com apenas 20 milímetros e um grama, depois de um mês de gestação. Os meses seguintes foram passados dentro da bolsa marsupial e só em maio deste ano é que "Kilupi" se mostrou ao mundo. Para o Jardim Zoológico, este nascimento é de extrema importância, sobretudo quando a espécie, classificada como "Vulnerável" (segundo a IUCN), está em perigo devido à destruição do seu *habitat* natural na Austrália, com as secas extremas e incêndios flo estais como os de 2019/2020, que mataram cerca de 60 mil koalas.

A Lisboa, os primeiros koalas chegaram em 1991, numa parceria com a Sociedade Zoológica de San Diego, nos Estados Unidos – foi o primeiro zoo da Europa a receber estes animais e a participar no programa de conservação *ex situ*. Desde então, já nasceram em Portugal nove crias de koala, que seguiram para outros zoos do programa, contribuindo para a variabilidade genética e a sustentabilidade da população sob cuidados humanos. Atualmente, existem 50 koalas em 15 zoos europeus. Antes de "Kilupi", "Goolara" teve "Bunji", em 2017, que vive agora no Zoo de Viena, e também "Moorak", nascido em 2019, que está à espera de transferência para o Zoo de Edimburgo.

1991: UM ANO PARA RECORDAR

Em 1991, o Zoo tornou-se o primeiro da Europa a acolher koalas, graças a uma parceria com a Sociedade Zoológica de San Diego, nos Estados Unidos. A inauguração contou com a presença do então primeiro-ministro Cavaco Silva e foi motivo de orgulho nacional.
Desde essa altura, o Zoo tem participado ativamente na conservação da espécie, através da manutenção de uma população saudável, partilha de conhecimento, e apoio a projetos de conservação no *habitat* natural, nomeadamente a recuperação de animais feridos e o estudo de doenças através de parcerias com organizações como a Australian Koala Foundation. Atualmente, existem 50 koalas em 15 zoos europeus.

DO TAMANHO DE UM FEIJÃO

Os koalas, tal como os cangurus e outros marsupiais, têm uma gestação curta. As crias nascem ao fim de pouco mais de um mês – em média 35 dias –, com aproximadamente dois centímetros, o tamanho de um feijão. Logo após o nascimento, sobem sozinhas até à bolsa marsupial da mãe, onde se agarram a um mamilo. É aí que irão desenvolver-se nos 5-7 meses seguintes, começando, aos poucos, a espreitar para o exterior. Mais tarde, aventuram-se nas costas da mãe. A independência total só acontece entre os 12 e os 18 meses.

Foto usada com permissão: Sarah Eccleston

AS APARÊNCIAS ILUDEM

Embora passem entre 18 a 22 horas por dia a dormir e tenham um ar "fofinho e sossegado", como diz a tratadora Maria da Paz, os koalas são animais solitários e com um comportamento territorial. Daí que machos e fêmeas vivam em instalações separadas e só se juntem em períodos específicos para acasalamento, cuidadosamente monitorizados, já que os encontros podem tornar-se agressivos. Mesmo em rotinas semanais com tratadores, como a pesagem – uma das formas de monitorizar a saúde dos animais –, o maneio é feito com precaução redobrada, sobretudo no caso dos machos.

"Outra ideia errada que as pessoas têm é que são lentos", afirma Ingrid, outra das tratadoras, lembrando que os koalas não deixam de ser animais selvagens. "Guardam a energia e usam-na nos momentos necessários. São animais muito subestimados. As pessoas quando veem um animal destes na natureza tentam aproximar-se e acabam por perceber da pior forma que não são assim tão fofos."

As instalações dos koalas no Zoo são climatizadas (nunca abaixo dos 20 graus, para não haver grandes variações). No verão, com bom tempo e em dias não muito quentes, os animais têm acesso às instalações exteriores, ao ar livre, inauguradas em 2012. No entanto, o macho e a fêmea, nunca se cruzam nestes espaços.

Fotografia: Eric Isselee/Shutterstock.com

AUSTRÁLIA EM CHAMAS

Nos incêndios que devastaram a Austrália, entre o final de 2019 e o início de 2020, mais de três biliões de animais perderam a vida e os koalas foram uma das espécies mais afetadas, com mais de 60 mil mortes.

Na altura, o Jardim Zoológico lançou uma campanha de angariação de fundos com mealheiros colocados no parque, para que todos os visitantes pudessem ajudar. Doou também uma parte do seu Fundo de Conservação, alimentado com receitas de bilheteira, para o resgate e a recuperação dos animais afetados. Com esse dinheiro, foi possível também comprar dois Trimbles – aparelhos eletrónicos para a monitorização de koalas na natureza. A tragédia, que dizimou 30% da população de koalas, reforçou a importância de uma comunidade resguardada, que funcione como reservatório genético, garantindo a sobrevivência da espécie.

Fotografia: Anna LoFi/Shutterstock.com

HÁBITOS NOTURNOS

A melhor altura para visitar os koalas é, sem dúvida, à hora de almoço, quando os ramos de eucalipto são repostos (mais de 30 espécies diferentes, colhidas em território nacional) e, excecionalmente, os animais estão mais despertos.

Na verdade, os koalas são animais de hábitos noturnos, que realizam as suas principais atividades depois do pôr do sol. Por isso, a monitorização com câmaras de visão noturna é essencial para acompanhar os comportamentos, sobretudo das crias.

No caso de "Kilupi", por exemplo, as imagens permitiram identificar o momento em que começou a ingerir folhas, um marco importante no desenvolvimento. Antes disso, alimentava-se exclusivamente de leite materno e, numa fase de transição, recebia da mãe uma substância chamada "pap", uma espécie de papa fecal rica em bactérias essenciais para colonizar o intestino e permitir a digestão das folhas de eucalipto, tóxicas e pobres em nutrientes.

É das folhas de eucalipto, aliás, que os koalas retiram quase toda a água de que necessitam, daí o seu nome: "koala é um nome aborígene que significa isso mesmo", diz Maria da Paz – "aquele que não bebe água".

EUCALIPTOS: A FOLHA CERTA

Das mais de 700 espécies de eucalipto existentes na Austrália, os koalas alimentam-se de apenas 40 a 50. No Jardim Zoológico, o Departamento de Nutrição assegura uma seleção de mais de 30 espécies de eucalipto plantadas em território nacional, para garantir uma dieta variada e equilibrada.

Esta diversidade é essencial, uma vez que os koalas selecionam cuidadosamente, através do olfato e do paladar, as folhas mais nutritivas e com menos toxinas. Este trabalho é possível, em parte, graças ao protocolo estabelecido com a empresa portuguesa Altri Florestal.

Devido à sensibilidade da espécie, o koala "Gowi" foi transportado de avião junto dos passageiros, garantindo o seu bem-estar durante toda a viagem.

Procedimentos como a pesagem exigem um maneio cuidadoso, devido ao comportamento territorial, especialmente na época reprodutiva.

A utilização de câmaras permite monitorizar os hábitos dos koalas, reforçando o cuidado da equipa com o seu bem-estar e conservação.

NOVOS VIZINHOS

Os Cangurus-de-parma

Os Cangurus-de-parma (*Notamacropus parma*) são os mais recentes habitantes do Jardim Zoológico, instalados num novo espaço, mesmo ao lado dos koalas. A espécie foi considerada extinta no final do século XIX, mas foi redescoberta em 1965, quando uma pequena população foi localizada na Austrália, de onde é originária.

Hoje, continuam a ser raros e vivem numa área limitada e pouco protegida no estado de Nova Gales do Sul, no Sudeste australiano, pelo que o seu estatuto de classificação de espécie "Vulnerável", segundo a IUCN, pode rapidamente agravar-se com a destruição do *habitat* e a predação por raposas.

O Canguru-de-parma, uma das espécies mais pequenas, mede até 53 centímetros – os machos são maiores que as fêmeas – e pesam entre três e seis quilos. A espécie chegou pela primeira vez a Lisboa o ano passado, ao abrigo do programa europeu de conservação de espécies ameaçadas (EAZA EEP), com um grupo de sete Cangurus-de-parma (quatro machos e três fêmeas), vindos dos Zoos de Berlim e Frankfurt na Alemanha, de Salzburgo na Áustria, e de Olomouc na República Checa.

No final de 2024, e graças ao trabalho atento dos tratadores, foi possível identificar crias, ainda em fase inicial, nas bolsas de duas fêmeas. Em fevereiro, as crias começaram a espreitar para fora das bolsas marsupiais e em março já podiam ser vistas pelos visitantes a explorar o mundo. Na primavera, chegou mais uma boa notícia: a confirmação de uma terceira cria, um sinal do sucesso do programa de reprodução *ex situ.*

“Os zoos são hoje uma parte importante da conservação”

Dr. Carlos Agrela Pinheiro, administrador do Jardim Zoológico e ex-diretor-geral de Veterinária, fala sobre os desafios e a e olução dos zoos e o seu papel fundamental na preservação das espécies.

Com 72 anos e 50 de carreira veterinária, dr. Carlos Agrela Pinheiro já foi diretor-geral de Veterinária, representou a União Europeia na Comissão de Controlo e Erradicação da Febre Aftosa na Organização para a Alimentação e Agricultura (FAO), foi vice-presidente da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) e foi agraciado com a Medalha de Mérito pela Ordem dos Médicos Veterinários. No Zoo desde 2010, orgulha-se do programa de reintrodução do Leopardo-da-pérsia no Cáucaso gerido pelo Jardim Zoológico e espera ainda desenvolver uma instalação imersiva para aproximar mais os visitantes dos animais.

O Jardim Zoológico faz parte do imaginário da infância de muita gente. Também faz parte da sua? Que memórias é que guarda?
Era muito diferente. Lembro-me da escola de condução com carrinhos, onde aprendíamos as regras básicas de trânsito. E lembro-me dos passeios que dava com os meus pais e com os meus irmãos. Para qualquer miúdo, ver este tipo de animais é uma sensação muito marcante. Mas, na altura, os animais estavam em sítios com pouco espaço, com grades. Era assim, era normal.

Isso mudou nos últimos tempos.
Os zoos são hoje uma parte importante da conservação e esta evolução deu-se nos últimos 20 anos. A própria União Internacional para a Conservação da Natureza considera-os uma entidade muito importante na conservação animal. Se vier ao Jardim Zoológico hoje, não tem nada a ver com o que era há 20 anos e muito menos com o que era há 40. Digamos que há 40 anos era uma mostra de animais e que havia uma menor observação dos comportamentos naturais.

O que não acontece hoje.
Hoje, há condições para que os animais estejam em instalações muito mais amplas e com um espaço o mais semelhante possível ao *habitat* natural. O que às vezes nos causa alguns problemas. As instalações dão oportunidade aos animais de se esconderem se quiserem dormir ou estar mais afastados. E às vezes as pessoas queixam-se que têm dificulda de em vê-los.

Há quem questione se os animais estão bem em zoos. O que costuma responder a essas pessoas?
Acho que é um bocado de desconhecimento. Como disse, os animais têm instalações cada vez melhores, aproximadas dos seus *habitats* naturais. O Jardim Zoológico integra a Associação Europeia de Zoos e Aquários (EAZA), que tem cerca de 400 membros aderentes. Há uma rede, uma troca de animais regulada pelos coordenadores de cada espécie, que orientam a reprodução de modo a evitar o mais possível a consanguinidade.

Essa ligação entre conservação e reprodução é, hoje, uma das grandes missões do Jardim Zoológico?
Temos no Jardim Zoológico exemplares de espécies ameaçadas ou em risco de extinção na natureza. Muitas vezes contribuímos para a sua reintrodução no *habitat* natural, participando em programas de conservação, tanto a nível técnico como financei o. Diria que outro aspeto fundamental é a educação para a conservação, não só dirigida aos miúdos em idade escolar mas também a professores e outros públicos. É um desafio constante tratar destes temas e acompanhar o desenvolvimento de tudo isto no dia a dia.

A sua experiência enquanto diretor-geral de Veterinária ajudou-o no seu papel atual no Zoo?
Na verdade, foram os conhecimentos que adquiri ao longo da minha carreira, desde veterinário de base na carreira de técnico da Administração Pública até à Direção-Geral. Tive muito contacto com todo o tipo de pessoas, de tratadores de animais, a diretores e professores. A Direção-Geral deu-me muita experiência na gestão de uma grande instituição, na altura tinha mil funcionários espalhados pelo território nacional, divididos em 12 direções de serviço. Aceitei o desafio de trabalhar no sentido de convencer a tutela governamental da necessidade de alterar a lei, de forma a que uma gestão verticalizada permitisse uma única linha de comando a nível nacional. Quando consegui esse objetivo, tive condições para aceitar o desafio que me foi proposto pela Administração do Jardim Zoológico.

Na altura teve de lidar com várias crises sanitárias.
Houve a questão da BSE (doença das vacas loucas), conseguimos levantar o embargo que existia sobre carne bovina de origem portuguesa. Houve também a crise dos nitrofuranos, a língua azul, a gripe aviária… Os problemas de saúde animal eram muito mediatizados, fazíamos conferências de imprensa no auge da crise da gripe aviária, de 15 em 15 dias, com salas cheias de jornalistas. Tive alguma aceitação entre os meus colegas, diretores-gerais de outros países da União Europeia, desempenhei funções de representação da União Europeia junto da FAO, para o controlo e erradicação da febre aftosa. Acabei ainda por ser eleito vice-presidente da OIE, cargo que desempenhei durante dois anos, um dos quais já estava aqui no Jardim Zoológico.

Durante a pandemia, o que foi mais difícil de gerir no Jardim Zoológico?
A vivência desses dois anos foi talvez o maior desafio que tive no Jardim Zoológico. Foi uma fase bastante complicada para a tesouraria, não tivemos qualquer tipo de ajuda. Nenhuma entidade estatal, nem o Governo, nem a câmara municipal nos apoiou. Houve apoios para vários sectores, mas os zoos – este e os outros que existem no País – não tiveram qualquer apoio. Sou presidente da Associação Portuguesa de Zoos e Aquários (APZA), por isso tratei dessas questões em nome de todos os associados.

Como presidente da APZA, que desafios é que acha que os zoos vão enfrentar nos próximos anos?
A capacidade de transmitir à sociedade que os zoos hoje não são só uma forma agradável de passar umas horas ou um dia. São instituições que têm uma importância muito grande na preservação, conservação da natureza e da biodiversidade. Há pessoas que criticam e depois alteram a sua opinião quando percebem o que é hoje a realidade no Jardim Zoológico.

Há algum programa de conservação do Zoo do qual se orgulhe particularmente?
Coordenamos um programa de reintrodução na área do Cáucaso de uma espécie, o Leopardo-da-pérsia. Foram libertados, com sucesso, 13 exemplares e as coisas têm estado a correr bem. Tudo começou com a descendência de um casal que nós tínhamos aqui. Não fazemos reintroduções de animais que estão habituados a viver num zoo, fazemos com a descendência desses animais, que depois é levada para locais em que são criados de forma a ter condições para viver no *habitat* natural. Neste momento, há 39 zoos associados da EAZA que têm na sua coleção esta espécie.

Que projeto gostaria ainda de concretizar no Zoo?
As pessoas gostam de se sentir próximas dos animais. Gostava de ver no Jardim Zoológico uma instalação de imersão, um espaço amplo, com um percurso delineado, onde os visitantes pudessem circular com os animais à sua volta, por exemplo aves e pequenos mamíferos. Estar realmente dentro do ambiente tem um impacto maior do que qualquer realidade virtual, por melhor que esteja programada.

Quando pensa no futuro da vida animal, o que mais o preocupa?
A fragmentação dos *habitats* naturais. Em muitos locais, como em África ou na Ásia, as espécies acabam por estar limitadas a áreas de parques e reservas. O aumento das populações humanas, os campos de cultivo, o desenvolvimento urbano imparável… tudo isso vai ocupando espaço. Hoje, muitos animais, nomeadamente os grandes mamíferos, vivem em reservas com limites defini dos, contribuindo para a consanguinidade nos vários grupos. Aquele conceito do animal completamente livre na natureza faz parte do imaginário.

O que o deixa mais esperançoso?
Ver crescer, aos poucos, uma maior consciência sobre a importância de preservar a vida animal e na forma como as pessoas se relacionam com a natureza, na atenção aos resíduos, em terra ou nos oceanos. No Jardim Zoológico tentamos semear essa consciência, com programas educativos para crianças, professores e adultos. Há momentos que ficam, como nas sessões “À Noite no Zoo”, em que se dorme no parque e se ouvem os sons dos animais, muitos deles mais ativos no início e no final do dia. Quando se vive isso, percebe-se que a natureza não é um conceito distante. Está aqui. E precisa de nós.
A confiança nas equipas de trabalho do Jardim Zoológico, com quem me orgulho de trabalhar, assegura uma linha de continuidade que mantém esta instituição focada em todas as áreas que tive oportunidade de referir.

Fotografia **Associação Mico-Leão-Dourado**

DO BRASIL PARA O MUNDO

A missão de salvar o Mico-leão-dourado

James e Lou Ann Dietz dedicaram a vida à proteção deste tesouro da Mata Atlântica. Com a ajuda de zoos como o de Lisboa, a espécie resiste às novas ameaças.

Fotografia: AMLD

Em maio do ano passado, 17 Micos-leões-dourados foram encontrados no Togo, na África Ocidental, numa operação que desmantelou uma rede de tráfico internacional de animais e que envolveu a polícia federal brasileira. "Já não tínhamos esse problema, de tráfico ilegal de micos para colecionadores", conta James Dietz, de 77 anos, que, com a mulher, Lou Ann Dietz, de 76 anos, fundou a Associação Save the Golden Lion Tamarin, em 2005.

O casal norte-americano trabalha na conservação da espécie endémica da Mata Atlântica no Rio de Janeiro desde os anos 70 e, em 1992, fez parte da criação da Associação Mico-Leão-Dourado (AMLD), o principal projeto de proteção destes pequenos primatas de pelagem ruiva ou dourada. "De vez em quando havia um ou outro mico que era apanhado numa gaiola para ser vendido na praça", continua o biólogo. "Mas este problema agora já não é só no Brasil", diz a mulher, Lou Ann. "No mesmo tráfico dos Micos-leões-dourados encontraram Araras-azuis-de-lear (*Anodorhynchus leari*) – outra espécie ameaçada, endémica do Brasil. Iam para algum colecionador rico."

James e Lou Ann Dietz visitaram o Jardim Zoológico, que começou a apoiar a Associação Mico-Leão-Dourado em 1994, para alertar para o recente problema do tráfico internacional. "Queremos passar essa mensagem. Se alguém encontrar um mico no mundo que não esteja num zoo que faça parte do programa [de conservação da espécie, em parceria com a Associação Mico-Leão-Dourado], esse sítio está a contribuir para o tráfic ", avisa Lou Ann.

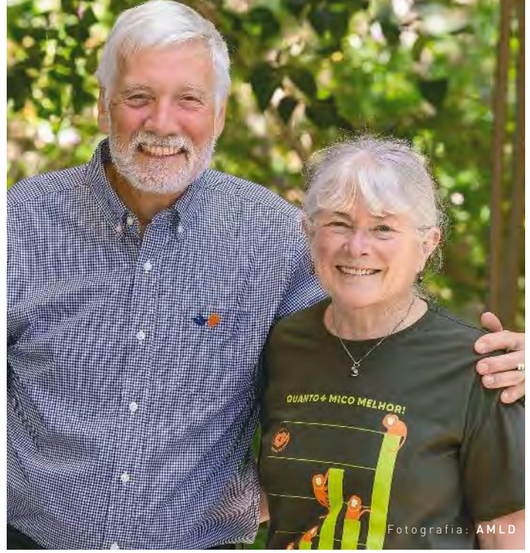
A educadora e especialista em conservação ambiental, com décadas de experiência em programas no Brasil, trabalhou de perto com as comunidades da Mata Atlântica carioca para sensibilizá-las para as ameaças. "Nos anos 80, os micos-leões em cativeiro estavam a aumentar a população", recorda James Dietz. "Em contraste, a situação na natureza estava muito desfavorável, com 400 micos e uma probabilidade de extinção muito alta." Nessa altura, a desflo estação e a fragmentação da flo esta brasileira em pequenas ilhas impossibilitavam que se pudesse estabelecer uma população de micos viável. Hoje, os cientistas estimam que uma população de dois mil micos a viver em 25 mil hectares de flo esta protegida e desfragmentada é o mínimo necessário para que a espécie deixe de ser classificad como "Em Perigo" pela União Internacional para a Conservação da Natureza.

COMBATER AMEAÇAS

"Quando começámos a falar com as pessoas, a maioria nunca tinha visto um Mico-leão-dourado e algumas tinham-nos em casa como animal de estimação", conta Lou Ann. Com sucessivas campanhas na televisão, eventos, programas de agricultura para proprietários rurais e ações com professores na região, aos poucos a comunidade começou a valorizar a espécie. "Ao longo do tempo, começaram a reconhecer que era um animal que não existia em mais lado nenhum, um tesouro. Não só o mico, mas também a mata", sublinha a educadora.

De tal forma que, em 2001, o Mico-leão-dourado foi o animal escolhido pelos brasileiros para ilustrar as notas de 20 reais, um motivo de orgulho nacional e símbolo da conservação da Mata Atlântica.

Ainda assim, os perigos para a continuidade da espécie mantêm-se. "A verdade é que, com a proximidade do Rio de Janeiro e a sua população, a associação vai ter de combater ameaças para sempre", lamenta James.

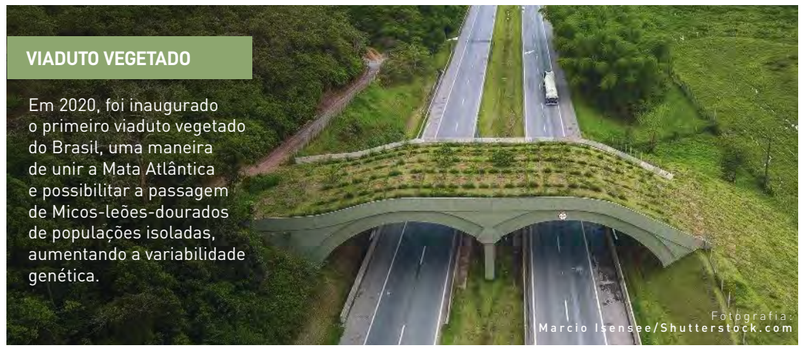


Fotografia: AMLD

Além do tráfico internacional, a expansão da cidade para a periferia e a fragmentação da flo esta continuam a ser desafios constantes para a conservação, apesar de alguns esforços recentes. O mais evidente, em 2020, foi o viaduto vegetado construído por cima de uma autoestrada, o primeiro do Brasil, a conectar a Mata Atlântica e a unir populações isoladas de micos, possibilitando o intercâmbio genético.

Entre 2016 e 2018, surgiu uma nova ameaça: um surto de febre-amarela que afetou quase um terço da população de Micos-leões-dourados e que reduziu o número de indivíduos de 3700 para 2500, a primeira grande quebra desde que se iniciou o programa de conservação nos anos 70, graças ao primatólogo Adelmar F. Coimbra Filho. Em maio deste ano, conseguiu-se atingir "a meta" para garantir a sobrevivência da população, diz James Dietz: "Vacinar 500 micos na natureza". O caso é, aliás, um dos poucos no mundo de vacinação de uma população de animais selvagens.

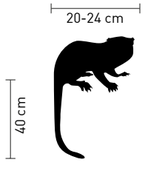
"Ao longo do tempo, começaram a reconhecer que era um animal que não existia em mais lado nenhum, um tesouro."



VIADUTO VEGETADO

Em 2020, foi inaugurado o primeiro viaduto vegetado do Brasil, uma maneira de unir a Mata Atlântica e possibilitar a passagem de Micos-leões-dourados de populações isoladas, aumentando a variabilidade genética.

Fotografia: Marcio Isensee/Shutterstock.com



PESO	DIETA	ATIVIDADE	*HABITAT*	REPRODUÇÃO	GESTAÇÃO
≤ 800 g	Omnívora	Diurna	Floresta tropical	Vivípara	4 meses

UMA POPULAÇÃO DE SEGURANÇA

O trabalho com a rede de parceiros, mais de 160 zoos, entre os quais o Jardim Zoológico, também tem sido essencial para o sucesso do programa de conservação. Não só na "sensibilização da população e no apoio finan ceiro", enumera James Dietz, como também na "troca de informação" com uma rede de tratadores e veterinários, que se revelou fundamental, por exemplo, durante o surto de febre-amarela.

Além disso, mantêm uma "**população de segurança de mais ou menos 500 micos, caso seja necessário reintroduzi-los na natureza**", explica o biólogo, tal como aconteceu entre 1984 e 2001, quando foram reintroduzidos 146 animais provenientes de 41 zoos. "Esses 500 micos representam 45 fundadores, linhas genéticas independentes, o que é muito importante porque, na natureza, temos populações pequenas e isoladas, com alto grau de parentesco. Assim podemos introduzir micos sem parentesco, que são uma injeção importante de material genético para a natureza."

PARECIDOS, MAS NEM TANTO

Descubra as diferenças

Mico-leão-de-juba-dourada
Leontopithecus chrysomelas

Mico-leão-dourado
Leontopithecus rosalia

O Mico-leão-de-juba-dourada é originário da Mata Atlântica, sobretudo no Sul do estado da Baía, no Brasil. Esta espécie encontra-se classificada como "Em Perigo", segundo a IUCN. Apresenta uma juba dourada, tal como os membros e a cauda, contrastando com o corpo de coloração negra. No Jardim Zoológico, vivem atualmente sete indivíduos, compostos por um casal reprodutor e cinco crias. É uma das espécies de pequeno primata mais relevante no Zoo, com 35 nascimentos registados desde 1986 no âmbito do EEP.

Já o Mico-leão-dourado tem como *habitat* natural a Mata Atlântica do estado do Rio de Janeiro, também no Brasil, e está igualmente classificado como "Em Perigo", segundo a IUCN. Distingue-se pela sua pelagem ruiva ou dourada, de tom mais uniforme. No Jardim Zoológico, há atualmente dois indivíduos: um macho de 13 anos, nascido em Lisboa, e uma fêmea de 7 anos, nascida em Bristol no Reino Unido. Desde 1991, no contexto do EEP, registaram-se 25 nascimentos desta espécie no Zoo.

NOTAS DE 20 REAIS

Em 2001, através de um concurso público, o Mico-leão-dourado foi o animal escolhido pelos brasileiros para ilustrar as notas de 20 reais, um ícone da conservação da biodiversidade.

MAIS DO QUE UM GESTO

O apadrinhamento no Zoo é uma forma de ajudar a preservar as espécies.

Sempre que visita o Zoo, Pedro Gonçalves, de 44 anos, perde a noção das horas no mesmo lugar: o Vale dos Tigres. "É onde fico mais tempo, simplesmente a contemplar a graciosidade da espécie", conta o gestor de marketing. O Tigre-de-sumatra (*Panthera tigris sumatrae*), em particular, é o animal que mais o fascina. "É lindo e está em perigo de extinção devido à perda do seu *habitat* natural", diz. "Nas tiras do Calvin & Hobbes, o tigre Hobbes também é a minha personagem favorita."

Numa das suas últimas visitas, Pedro decidiu participar no programa de apadrinhamento de animais do Zoo e tornar-se oficialmente padrinho do Tigre-de-sumatra, uma maneira de "ajudar à conservação e investigação das espécies", diz. "Todos devemos fazer a nossa parte na conservação e este contributo é importante para garantir que o parque seja um espaço em contínua evolução."

Filipe Gomes, de 31 anos, auxiliar de saúde, pode também orgulhar-se de ser padrinho de um Pinguim-do-cabo (*Spheniscus demersus*). O apadrinhamento foi uma prenda da mulher que, desde o início da relação, guarda um peluche de um pinguim. "Tem um simbolismo especial", conta. "A espécie é conhecida pelas relações duradouras com os parceiros."

Desde os grandes incêndios na Austrália em 2019/2020 que Filipe acredita que pequenos gestos como o apadrinhamento podem fazer a diferença na conservação. "Depois de ter feito um contributo para uma associação australiana de koalas, senti que, mais do que nunca, estas pequenas formas de ajudar instituições são importantíssimas para a proteção animal."

Nos apadrinhamentos, que podem ser feitos através da submissão de um formulário *online* na página do Zoo, é possível escolher o animal pretendido numa longa lista que inclui anfíbios, aves, mamíferos e répteis. É possível também escolher a categoria do apadrinhamento anual, desde a S (70 euros) até à XL (110 euros) ou em grupo ou turma (100 euros). O apadrinhamento pode ser renovado ao fim de um ano e, por opção, o nome do padrinho pode fazer parte do Mural dos Padrinhos.

"Recomendo muito, é a melhor forma de ajudar de forma ativa a preservar o bem-estar dos animais", continua Filipe. "O *pack* de padrinho também oferece vantagens, como as entradas no Zoo que são sempre um ponto positivo." Os apadrinhamentos individuais incluem sempre um cartão, um diploma e um bilhete para o Zoo. As outras ofertas vão desde sacos de pano, peluches e mochilas, a descontos na Loja do Zoo e nos campos de férias. Há também um dia especial dedicado aos padrinhos.

O programa de apadrinhamento permite que qualquer pessoa se una à missão de proteger espécies em perigo. Todos os padrinhos, como o Pedro e o Filipe, fazem parte de uma história maior – a da esperança na conservação da vida selvagem.

Fotografia: Eric Isselee/Shutterstock.com

Fotografia:
StockPhotoAstur/Shutterstock.com

DE PIJAMA NO ZOO

"À Noite no Zoo" é um dos vários programas escolares inspiradores do Centro Pedagógico, que permite conhecer o Jardim Zoológico fora de horas e dormir entre felinos e girafas.

Mochila, caderno, caneta, saco-cama, pijama e almofada. Desta vez, o material para a visita ao Jardim Zoológico é diferente e o horário de chegada, às seis da tarde, coincide com a saída da maioria dos visitantes. O Agrupamento de Escuteiros 1174, de Boliqueime, no Algarve, esperou por esta aventura o ano inteiro, até que final mente chegou o grande dia. Ou melhor, a grande noite.

"À Noite no Zoo", um dos mais procurados programas educativos do Centro Pedagógico, destinado a grupos escolares e escuteiros a partir dos 6 anos, propõe uma experiência única: passar a noite no Jardim Zoológico e observar o comportamento dos animais quando o sol se põe e o parque já está fechado ao público.

Aliás, é nesta altura que muitos deles, sobretudo os felinos, estão mais ativos, o que nem sempre acontece durante as horas de visita normais. Rosa Batista, de 46 anos, chefe da II secção do grupo de escuteiros algarvio, estava "apreensiva" com a aventura, conta. "Não sabia se íamos ver muitos animais ou se iam estar escondidos à noite, mas não disse nada aos miúdos."

O grupo de 15 crianças, entre os 10 e os 14 anos, chegou até a fazer porta-chaves e outros produtos para ajudar a cobrir despesas da deslocação até Lisboa. E valeu a pena. "É uma experiência a repetir", diz a chefe dos escuteiros. "Tivemos o privilégio de ter dois educadores fantásticos que nos acompanharam, jovens com 23 e 26 anos e um conhecimento espetacular. Foi muito bom em muitos aspetos e tivemos a sorte de ver todos os animais."

Um dos pontos altos do programa foi o "desfil " inesperado da Pantera-nebulosa (*Neofelis nebulosa*), uma espécie conhecida pelos seus hábitos reservados e por passar muito tempo em altura, nos ramos das árvores. "Parece que desfilou de propósito para nós", continua Rosa.

ÀS ESCURAS ENTRE OS FELINOS

A visita noturna com o tratador de felinos acontece já depois do jantar e sem qualquer iluminação artificial. "Os educadores explicam-nos que é preciso silêncio e que o Jardim Zoológico não tem luz à noite para garantir o sossego dos animais", relata. Os miúdos, sem lanternas, na escuridão, portaram-se como verdadeiros exploradores, e quando a visita terminou, às dez da noite, foi difícil conter o entusiasmo para conseguir adormecer.

De manhã, o pequeno-almoço teve direito a vista para "as girafas e para os elefantes", recorda Rosa, e foi possível assistir à preparação da alimentação de alguns animais e à "caçada matinal" dos Leões-africanos (*Panthera leo bleyenberghi)* e dos Linces-ibéricos (*Lynx pardinus*). "De facto, é muito enriquecedor observar os comportamentos que não vemos habitualmente na visita", diz a responsável pelo grupo. "É um programa muito amplo de conhecimento, dado de uma forma lúdica e que, ao mesmo tempo, incute a vontade de cuidar do planeta e de pensar no que está à nossa volta."

Para Antonieta Costa, diretora do Centro Pedagógico do Jardim Zoológico há 18 anos, o programa "À Noite no Zoo" é, acima de tudo, uma "experiência inesquecível e totalmente diferente", considera. "Permite mostrar a realidade do Zoo fora do horário habitual e animais que, provavelmente, não se deixariam ver durante o dia porque estão a dormir."

Por motivos logísticos, o programa acontece, por enquanto, apenas para escolas e grupos de escuteiros com um mínimo de 15 e o máximo de 30 participantes.

EDUCAR PARA CONSERVAR

Desde 1996, sob o lema "Educar para Conservar", o Centro Pedagógico do Jardim Zoológico tem vindo a desenvolver programas educativos dirigidos a escolas, muitos deles gratuitos (não é o caso do programa "À Noite no Zoo", com um custo de participação de 65 euros por aluno). Estes programas abrangem todos os ciclos de ensino – do pré escolar ao secundário – e têm a duração média de uma hora e meia, adaptados a cada ano letivo, "sempre com base nos currículos escolares", sublinha Antonieta Costa.

O impacto deste trabalho foi oficialmente reconhecido em 2009, quando o Ministério da Educação atribuiu ao Zoo o estatuto de Instituição de Utilidade Educativa, pelo seu papel na educação ambiental para a sustentabilidade e na promoção da cidadania ativa. Antes disso, em 1913, o Jardim Zoológico já tinha sido considerado Instituição de Utilidade Pública.

Todos os anos, cerca de 100 mil alunos em idade escolar participam nas atividades educativas presenciais do Zoo. Outros juntam-se à distância, graças aos programas educativos virtuais, sessões interativas, via *Zoom*, que começaram em 2013 com um protocolo com a Microsoft. "Na altura fazíamos sessões com escolas dos Estados Unidos e até realizámos uma para um orfanato na Índia", recorda Antonieta.

Outra vertente de grande impacto são os ATL e os ateliers de férias, que, durante as pausas escolares, acolhem anualmente cerca de três mil participantes entre os 3 e os 16 anos. "É o programa onde mais sentimos que fazemos a diferença", garante a diretora. "Cerca de metade da equipa atual começou por participar nos nossos campos de férias em criança."

É o caso de Ana Lemos, hoje com 32 anos, que frequentou os campos de férias do Zoo desde os 6 anos. Aos 17, quis "experimentar o outro lado" e entrou para a equipa de animadores. Participou no ATL e trabalha no Centro Pedagógico há dez anos. "A paixão que ganhei pelo Zoo levou-me a escolher Biologia", confessa.

Quando acabou o mestrado em Biologia da Conservação e começou a trabalhar em investigação, sentiu que lhe faltava alguma coisa. "Percebi que o que gostava mesmo era de trabalhar com crianças – e isso veio da experiência no ATL e com os educadores", diz. "Hoje sou professora de Ciências Naturais e sou muito feliz com o que faço. Tenho a certeza que foi o Zoo que me apontou esse caminho."

Entre partidas e chegadas,

A VIDA SELVAGEM RENASCE

No Jardim Zoológico, as partidas de animais nunca são despedidas. E cada chegada traz uma nova oportunidade de futuro, graças aos programas europeus de conservação de espécies ameaçadas.

A 25 de junho, um macho de Zebra-de-grevy (*Equus grevyi*) nascido no Jardim Zoológico foi transferido para o Parque da Natureza de Cabárceno, em Espanha. Poucos dias depois, Lisboa recebia "The ", um exemplar da mesma espécie – a maior das três espécies de zebra conhecidas –, nascido no Zoo de Estugarda, na Alemanha, e proveniente da Reserva Africana de Sigean, no Sul de França.

Aliás, junho foi um mês especialmente agitado nas partidas e chegadas no Jardim Zoológico. A 21 de junho, chegava "Tchuk", um jovem macho Órix-de-cimitarra (*Oryx dammah*), um elegante antílope ruminante com longos cornos curvados para trás, nascido no Zoo Le Pal, em França, em dezembro de 2023. Antes dele, também "Pawa", um Jaguar (*Panthera onca onca*) proveniente de França, do Zoo du Bassin d'Arcachon, se juntava à fêmea "Feliciana", residente em Lisboa desde 2016, mas nascida em Dortmund, com quem iria formar um novo par reprodutor.

Também "Kouba", um Ádax (*Addax nasomaculatus*) – o antílope mais bem adaptado ao deserto –, vindo de Amiens, em França, aumentava a família do Zoo em 2025. Tal como "Ravi", o pequeno Panda-vermelho (*Ailurus fulgens*) nascido o ano passado em Roterdão, nos Países Baixos, que chegou no final de abril para fazer companhia à fêmea "Angura", nascida no Jardim Zoológico há dois anos.

Por sua vez, um Lobo-ibérico (*Canis lupus signatus*) de 10 anos proveniente do Jardim Zoológico foi transferido em março deste ano para o Parc Merveilleux, um zoo no Luxemburgo. Com ele, foi também uma fêmea da mesma espécie, com dois anos, de um santuário de animais em Cuenca, Espanha. Em Portugal, o Lobo-ibérico está classificado como "Em Perigo", segundo a IUCN, sendo uma espécie de conservação prioritária.

Estas trocas de animais fazem parte dos programas europeus de conservação de espécies ameaçadas (EAZA EEP), fundamental na gestão e reprodução de espécies que estão ameaçadas de extinção na natureza. Através de uma ação conjunta da rede de zoos da Associação Europeia de Zoos e Aquários (EAZA), o programa permite manter populações saudáveis que funcionem como reserva genética, assegurando a preservação da espécie, para além de possibilitarem o desenvolvimento de conhecimento aplicado muitas vezes em meio selvagem, e sustentarem a educação dos visitantes sobre a importância da biodiversidade.

O Órix-de-cimitarra é um bom exemplo do sucesso desta cooperação internacional. Em 2000, a espécie foi declarada como "Extinta na Natureza" pela IUCN. No ano passado, e depois de duas décadas de esforços de conservação a unir zoos, instituições privadas e entidades governamentais de todo o mundo, a espécie foi reclassificada como "Em Perigo" na sequência de reintroduções no *habitat* natural. O Jardim Zoológico e demais parceiros do programa de reintrodução, contribuíram para este objetivo, através da manutenção de uma população saudável e sustentável, cedência de animais de elevado valor genético, partilha de conhecimentos e apoio financei o às translocações.

Esta cooperação é essencial para o trabalho de conservação de espécies que o Zoo desenvolve atualmente. Integrado na EAZA, uma rede que reúne cerca de 400 instituições, participa num sistema coordenado de gestão das espécies, que permite a transferência de animais segundo critérios definidos pelos responsáveis.

Para cada espécie ameaçada, existe um EEP, que é coordenado por um técnico ligado a um parque zoológico. Parte fundamental deste programa é a criação de um *studbook*, um registo de todos os animais dessa espécie que vivem, e viveram, nos diferentes zoos associados. Este *studbook*, europeu ou internacional, permite acompanhar a história de cada animal, incluindo a sua origem, descendência e saúde genética. Com estas informações, e em conjunto com o Comité das Espécies (EAZA Species Committee), os coordenadores podem planear cruzamentos entre indivíduos de forma cuidadosa, evitando a reprodução entre linhas genéticas próximas. Ao garantir esta diversidade genética, aumentam-se as hipóteses de sobrevivência da espécie a longo prazo sob cuidados humanos, e preservam-se genes que podem deixar de existir em meio selvagem.

O Jardim Zoológico começou por participar em quatro EEP no início dos anos 90 e, atualmente, participa em 89 EEP e 34 outros programas de um total de 96 espécies em risco de extinção. É, neste momento, coordenador dos EEP e *studbooks* internacionais de quatro espécies: a Tartaruga-espinhosa (*Heosemys spinosa*), a Niala (*Tragelaphus angasii*), o Leão-marinho-da-califórnia (*Zalophus californianus*), e o Leopardo-da-pérsia (*Panthera pardus tulliana*). Este último tem sido motivo de orgulho para o Zoo, sobretudo depois da reintrodução das primeiras crias de Leopardo-da-pérsia na Reserva Natural do Cáucaso, em 2016. Hoje, já são 13 os animais reintroduzidos na região, e 39 zoos a participar no programa EEP.

Tudo começou com a descendência de um casal de Leopardos-da-pérsia proveniente de Lisboa em 2012. Aliás, as reintroduções raramente são feitas com animais habituados ao ambiente de um zoo, mas sim com as suas crias, que mantêm os instintos e comportamentos adequados à vida selvagem, e são testadas em locais onde aprendem a viver na natureza e a caçar por conta própria.

Mais que uma despedida, cada partida no Jardim Zoológico é um recomeço e uma esperança renovada no futuro da espécie.

Fotografia: **Rui Bernardino**

MISSÃO DO ZOO NO MUNDO

Programas de conservação

CONSERVAR, EDUCAR E INVESTIGAR

Através do seu Fundo de Conservação, o Jardim Zoológico participa ativamente em programas no *habitat* natural. Desta forma, estende a sua missão muito além do seu perímetro, até à área de distribuição de diversas espécies.

Fotografias:
Shutterstock.com

Destacamos dois projetos em que o Zoo participa, promovendo a proteção das espécies, a recuperação dos seus *habitats* e o envolvimento das comunidades locais para garantir um futuro mais sustentável.

Fotografia: Sergey Uryadnikov/Shutterstock.com

UM GIGANTE ANCESTRAL EM PERIGO

Dragão-de-komodo - Indonésia

O Dragão-de-komodo (*Varanus komodoensis*) é o maior lagarto do mundo, capaz de impressionar com os seus três metros de comprimento e quase 160 quilos. Esta espécie é um tesouro natural e exclusivo das ilhas da Indonésia que formam o Parque Nacional de Komodo – Komodo, Rinca, Nusa Kode e Gilli Motang –, assim como da mais turística ilha de Flores. Criado no início da década de 80 para proteger o *habitat* deste gigante pré-histórico, o parque foi reconhecido internacionalmente, em 1986, como Património Mundial e Reserva da Biosfera pela UNESCO.

Apesar da sua imponência e dos esforços dedicados à sua conservação, o Dragão-de-komodo está atualmente classificado como espécie "Em Perigo" (segundo a IUCN). Entre as principais ameaças, destaca-se, sobretudo, a perda do seu *habitat* natural e a diminuição do número de presas, causada pela caça furtiva do Veado-de-timor (*Cervus timorensis*), a sua principal fonte de alimento.

Para garantir a sobrevivência da espécie, foi criado em 2007 o Komodo Survival Program (KSP), uma ONG que atua na conservação no terreno. Com o apoio do Jardim Zoológico e de outros parceiros internacionais, o KSP tem desenvolvido uma abordagem multidisciplinar que alia a monitorização da vida selvagem à gestão sustentável dos recursos e ações com as comunidades locais.

Na costa oeste da ilha de Flores, uma região anteriormente sem proteção, a KSP implementou patrulhas, instalou câmaras de fotoarmadilhagem e promoveu formação especializada. O envolvimento de vários zoos, incluindo o Jardim Zoológico, tem sido essencial no reforço logístico, técnico e científico do programa.

Apesar da distância geográfica, o Jardim Zoológico mantém um compromisso com o projeto, reforçando que a conservação do último grande réptil vivo deve ser um esforço global.

UM NINHO PARA A SOBREVIVÊNCIA

Pinguim-do-cabo - África do Sul

As notícias foram alarmantes: até 2035, o Pinguim-do-cabo (*Spheniscus demersus*), também conhecido como Pinguim-africano, pode estar extinto. Aliás, em 2024, a espécie foi reclassificada como "Criticamente em Perigo"(segundo a IUCN), a primeira espécie de pinguim a atingir este nível de ameaça, depois de uma perda de 97% da sua população.

Além da poluição marinha e das alterações climáticas, a pesca comercial excessiva, a afetar os *stocks* de sardinhas e anchovas, base de alimentação do Pinguim-do-cabo, continua a ser a principal causa do colapso da população.

A Southern African Foundation for the Conservation of Coastal Birds (SANCCOB), ONG apoiada pelo Jardim Zoológico, tem-se revelado fundamental na preservação do Pinguim-do-cabo e de outras espécies de aves marinhas endémicas da África do Sul.

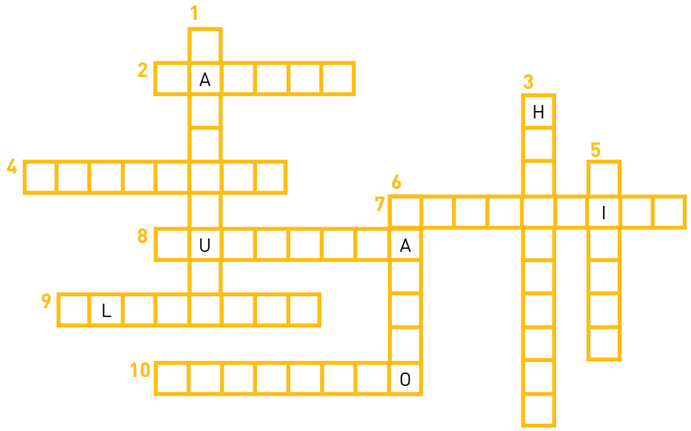
Um dos seus projetos mais emblemáticos, o Chick Bolstering Project, apoiado pelo Zoo, surgiu no seguimento de um abandono em massa de crias de Pinguim-do-cabo pelos seus progenitores, em 2006. Com a grande escassez de alimentos, as crias foram deixadas para trás e, posteriormente resgatadas pela SANCCOB, com alguns ovos recolhidos para incubação artificial

Desde então, e com a falta de alimento e frequentes eventos climáticos extremos, a SANCCOB tem recebido anualmente centenas de crias abandonadas. O processo desde a eclosão do ovo até à libertação das crias demora, em média, três a quatro meses. Requer também instalações próprias e equipas especializadas, como *rangers* que monitorizam os ninhos no terreno e técnicos que asseguram as condições de incubação e que alimentam as crias a cada três horas.

Com o apoio do Jardim Zoológico e demais parceiros, a SANCCOB resgatou e libertou com sucesso cerca de oito mil crias de Pinguim-do-cabo e mais de mil ovos foram incubados artificialmente até ao final de 2024

Fotografia: SANCCOB

PALAVRAS-CRUZADAS



1. Abrigam-se em buracos no solo dos quais se apropriam ou são por eles escavados. Caçam por emboscada, usando o seu veneno (não letal para o ser humano) para paralisarem as presas.

2. É o maior felino do continente americano. É territorial, bom trepador e bom nadador. Os animais melânicos (com pelagem totalmente negra) são frequentes.

3. Passa o dia na água de forma gregária e a noite a pastar plantas herbáceas, de forma solitária. A colocação no topo da cabeça dos olhos, orelhas e narinas, e os dedos unidos por membranas, são algumas adaptações à vida semiaquática.

4. Em Portugal reside uma população no estuário do rio Sado. Emite sons semelhantes a estalidos e assobios, e utiliza-os para comunicar através de um mecanismo complexo localizado na cabeça.

5. É o animal mais alto do mundo! É uma espécie pacífica e não territorial. Nas horas de maior calor rumina e dorme, maioritariamente de pé.

6. Adaptado ao deserto rochoso e árido, é inconfundível pelas suas duas bossas. As patas terminam em dois dedos ligados por uma almofada plana, ideal para as deslocações tanto na areia como na neve.

7. Os olhos, orelhas e narinas no topo da cabeça permitem-lhe passar muito tempo debaixo de água. Durante o dia descansa nas margens, mantendo a boca aberta nas horas de maior calor como forma de regulação da temperatura corporal.

8. Espécie de focinho pontiagudo e corpo longo e esguio. É muito sociável e vive em colónias de 10-15 animais. Cada indivíduo desempenha uma função específica num sistema de otatividade de tarefas, desde sentinela a *baby-sitter* ou caçador.

9. É o maior animal terrestre! Dentes incisivos superiores crescem ao longo de toda a sua vida. As orelhas são muito grandes e com funções como a regulação de temperatura.

10. Alimenta-se de frutos e sementes que procura ao amanhecer no solo e nas árvores, voando aos pares ou em pequenos bandos. É uma espécie conhecida por imitar sons humanos.

O QUE COMEM OS ANIMAIS?

QUIZZOO MICO-LEÃO-DOURADO

1. O Mico-leão-dourado passa a maior parte do dia...
- **A.** na copa das árvores entre os 3-10 m de altura
- **B.** em grutas
- **C.** em lagos e charcos

2. Como comunicam entre si?
- **A.** Através do olfato
- **B.** Através de infrassons
- **C.** Através de uma grande diversidade de vocalizações

3. Qual é o seu tempo de gestação?
- **A.** 4 meses
- **B.** 6 meses
- **C.** 8 meses

4. Qual é o estatuto de conservação do Mico-leão-dourado?
- **A.** Vulnerável
- **B.** Em perigo
- **C.** Criticamente em perigo

5. Qual é a principal ameaça para esta espécie?
- **A.** *Habitat* original reduzido, do qual só restam 2-3%
- **B.** Caça desportiva
- **C.** Comércio ilegal de espécies exóticas

SOLUÇÕES

PALAVRAS-CRUZADAS: 1. Tarântula 2. Jaguar 3. Hipopótamo 4. Golfinho 5. Girafa 6. Camel 7. Crocodilo 8. Suricata 9. Elefante 10. Papagaio

QUIZZOO: 1A 2C 3A 4B 5A

O QUE COMEM OS ANIMAIS: Elefante-africano: Dieta herbívora; Pinguim-do-cabo: Dieta piscívora; Urso-formigueiro-gigante: Dieta insetívora; Tigre-da-sibéria: Dieta carnívora

O JARDIM ZOOLÓGICO AGRADECE A TODAS AS EMPRESAS QUE O APOIAM.

Fornecedores Oficiais

Patrocinadores Oficiais

Padrinhos & Parceiros

DE OLHOS POSTOS NA CONSERVAÇÃO
É AMOR À PRIMEIRA VISITA
Lisboa
JARDIM ZOOLÓGICO
Portugal